

Uma aproximação poética entre Lobivar Matos e Jorge de Lima

Prof. Dr. José Antonio de Souza¹

Resumo:

*Boa parte da produção literária brasileira da década de 1930 – modernista por excelência – teve como principal objeto a denúncia e a crítica social, mais marcadamente por intermédio do chamado romance regional. A relação entre o espaço e o ser humano, dado o projeto dos modernistas, é distinta em relação aos procedimentos naturalistas: enquanto naturalistas optam pela descrição do homem a partir do meio (o espaço em primeiro plano, portanto), os modernistas empreendem um percurso distinto: o ser humano passa a ocupar o primeiro plano. Nesse sentido, o ser humano retratado por alguns textos literários, desvinculado de uma região específica, supera o regional e se redimensiona, universalmente. Nossa proposta de trabalho buscará aproximar a poesia de **Sarobá**(1936), do escritor sul-mato-grossense Lobivar Matos, a outros autores da década de 1930, particularmente à poesia de Jorge de Lima.*

Palavras-chave: Lobivar Matos; Jorge de Lima; poemas negros; regionalismo

Introdução

No texto *Mediadores da representação no entorno do Pantanal Mato-Grossense* (2003), Paulo Nolasco utiliza duas citações emblemáticas acerca do processo de divisão estadual de Mato Grosso: a primeira, o questionamento da Professora Idara Duncan; a segunda, o epitáfio na lápide de Jango Mascarenhas que, no início do século XX, foi dos primeiros a abraçar a causa separatista.

A pergunta de Duncan - “E agora, quem somos?” - ecoa, até os dias atuais; muitos são os sul-mato-grossenses que se questionam quanto a sua identidade e, como já mencionado anteriormente, o poder público e diversos setores, inclusive alguns ligados à cultura, tentam resolver a questão construindo, às vezes de maneira forjada, uma identidade pantaneira:

Engrossando o lugar comum desta crônica da construção identitária, constata-se o equívoco de articulistas e homens de letras que lêem de maneira equívoca e/ou redutora os materiais, a vida cultural e os produtos da cultura na tentativa de aí indexar, numa espécie de teia e nó, a esgarçada complexidade do tecido cultural, que se mostra dinâmico, resistente e volátil como toda matriz *representativa*, rotativa como a própria ciranda dos “Nomes”, que originariamente foi MT, tornou-se Maracaju, passou a ser MS e quer se tornar PT (Pantanal) ou Guaicuru. (NOLASCO SANTOS, 2003. p.37).

O autor se refere à tentativa de mudança do nome do Estado, há alguns anos, e aponta para a própria dificuldade que muitas pessoas ligadas à área cultural enfrentam na tentativa de compreender a identidade sul-mato-grossense. Observa-se que vários segmentos se mostram envolvidos com a questão, entretanto, se por um lado há um grupo de artistas e intelectuais que se volta para a complexidade do tecido cultural, por outro, há segmentos que visam justamente ao contrário.

1 Literatura Regional, Regionalismo e Sistema Literário

Em nome de um suposto regionalismo, busca-se essa representação calcada na natureza exuberante do pantanal e, assim, aparelhos telefônicos públicos, fachadas de prédios, enfim, tudo quanto possível é transformado nessa espécie de “mercado ecológico”. Para Luiz Antonio de Assis Brasil, a demarcação entre regional e universal em termos artísticos:

Não devemos pensar que o regionalismo, mesmo quando bem realizado, é uma literatura que nos isola; muito ao contrário, no momento em que é verdadeira literatura, isto é, no momento em que se realiza com apreciável quilate estético, passa a pertencer a todos, tornando-se reconhecível e incluindo-se na multiplicidade que caracteriza as culturas do globo. (ASSIS BRASIL, 2004. p.38).

Assis Brasil salienta que a literatura, além de “representar as ditas identidades regionais”, precisa também encaminhá-las a “novos paradigmas culturais, que serão cada vez mais urbanos e submetidos à mundialização”. Ou seja, para o crítico, a chamada literatura regional não deve necessariamente ficar circunscrita a um espaço geográfico, mas integrar tal espaço ao mundo, desvencilhando-se do exotismo. Ainda há que se considerar uma outra questão essencial: a própria concepção de nação está relacionada à formação de identidades regionais distintas:

O estudo dos conceitos de nação e de região permite-nos rever dois problemas capitais quando se trata de discutir sociedades nacionais ou coletividades modernas de uma perspectiva sócio- antropológica. Esta se caracteriza por ser qualitativa, pessoal e comparada, numa visada que busca dialogar com as dimensões universais, presentes em todos os sistemas que se querem nacionais, sem entretanto deixar de lado os aspectos particulares, formadores de subsistemas que moldam um outro conjunto (subordinado ou não, igualitário ou não, conflitivo ou não) de identidades dessa mesma coletividade. (DAMATTA, 2004. p.19).

As menções anteriormente citadas a “sistemas” e “subsistemas”, procurando estabelecer uma relação entre o nacional e o regional, remetem ao texto de Rildo Cosson, em que o autor discute a distinção entre regionalismo e literatura regional (ou sistemas regionais). O autor oferece os primeiros indícios de uma possível diferença a ser traçada entre regionalismo e literatura regional:

Quer como corrente, quer como momento específico, quer como produção regional, concepções que de resto não se excluem, mas, pelo contrário, interpõem-se umas às outras nas obras citadas, o regionalismo é sempre duplamente entendido como a busca da identidade brasileira através do específico regional e como a representação literária de uma determinada região do país. (...) Dentre as várias maneiras de explicar essa duplicidade do regionalismo – tais como a superposição de diferentes perspectivas históricas e o próprio processo de formação do cânone da literatura brasileira, assim como do cânone regional – acreditamos ser possível discernir, sob a denominação geral de regionalismo, a existência de duas realidades que, embora intimamente interligadas, devem ser consideradas autônomas: o regionalismo e a literatura regional/sistema literário regional. (COSSON, 1998. p.86).

A partir de tal sugestão – a distinção entre regionalismo e literatura regional – e enfatizando que tais termos não são opostos, mas, ao contrário, interligados, embora independentes, Cosson afirma que o regionalismo mitifica um tempo, um espaço e elemento humano determinado que passam a ser referenciais daquilo que se quer regional.

Nessa perspectiva, o regionalismo operaria a partir de uma estratégia de seleção e, por conseguinte, de exclusão, posto que vários elementos seriam “rejeitados” ou “apagados” em detrimento de outros alçados à condição de representantes legítimos de determinada região. Ainda de acordo com Cosson, a distinção fundamental entre regionalismo e literatura regional se concentra no fato de, ao contrário do regionalismo, a literatura regional não ser excludente: a literatura regional, para o autor, ao não ser hierarquizante permite que as “diversas expressões literárias de uma região possam encontrar representatividade cultural”.

A distinção empreendida por Cosson entre regionalismo e literatura regional se faz produtiva para o enfoque que aqui se pretende, entretanto, há que se discutir a questão do sistema, especialmente se forem considerados os elementos apontados por Antonio Candido na configuração de sistema literário. Ao distinguir os elementos que diferenciam um “sistema literário” de “manifestações literárias”, Candido afirma que, em um sistema, as obras estão relacionadas por “denominadores

comuns”. Tais denominadores seriam as características internas, elementos de natureza social e psíquica. Em seguida, o autor revela quais seriam tais denominadores:

A existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. (CANDIDO, 2000, p.23).

Candido ainda aponta para o aspecto da “continuidade literária” que ocorre quando há integração, em tal sistema, da atividade dos escritores. Apesar de todas as contribuições proporcionadas pela noção de sistemas literários, especialmente se forem consideradas superações no que tange à historiografia literária, críticos como Cornejo Polar, por exemplo, questionam a categoria dos sistemas literários na América Latina:

A categoria de sistema é, pelo menos em parte, algo assim como um subproduto talvez imprevisto da infatigável inoperância de nossa historiografia literária. Incapazes de superar as bases conceituais do positivismo, quase todas as histórias da literatura latino-americana imaginam sua matéria como uma seqüência unilinear, supressora e perfectiva. Épocas, períodos e mesmo gerações se sucedem num tempo único e abstrato, obscuro mas firmemente governado pelo imperativo do Progresso. Permanece fora de sua consciência a perturbadora simultaneidade de opções literárias contraditórias e beligerantes, inclusive dentro do represamento da arte hegemônica, e certamente a coexistência, ainda mais inquietante, de várias literaturas paralelas e pouco menos que autônomas. (CORNEJO POLAR, 2000, p.47).

Cornejo Polar, ao se referir às “literaturas paralelas e pouco menos que autônomas” faz menção a uma série de produções culturais simplesmente apagadas pelas histórias literárias e, que, da mesma forma, ficam excluídas do conceito de sistema. A categoria de sistemas literários, assim, na medida em que procurou “reparar” equívocos historiográficos, como a cronologia e a própria fundação datada, também, evidentemente, norteou-se pelo próprio modelo hegemônico, mantendo excêntricas as produções que não se enquadravam em tal sistema:

O conceito de sistema acabava por ser mais geológico que histórico, capaz de deter o tempo, verticalizando o horizontal, para fingindo a solidez imbatível de uma estrutura que, afinal de contas, por estar fora da história, tinha pouca serventia. Em outras palavras, corrigimos os vícios da historiografia, mas – péssimo negócio – quase ficamos sem história. (CORNEJO POLAR, 2000, p.48).

Para o autor, a existência de sistemas sem história é uma “abstração ilegítima e enganosa”, além do fato de que, dados tais modelos, não temos conhecimento, por exemplo, da história das literaturas indígenas e populares. Para o crítico essas literaturas excêntricas, que muitas vezes não estão inseridas no sistema literário, fornecem material revelador da cultura.

2 A poética lobivariana em *Sarobá* e sua relação com o Modernismo brasileiro

Em 1935, já marcado com a simplificação do nome para Lobivar Matos (1915-1947), o autor publica *Areôtorare* deixando claro, já no prefácio da obra, a intenção de sua poética. Afirma serem os poemas de *Areôtorare* “poemas regionais e por isso mesmo muito simples, muito humanos”. Ainda segundo Matos “os poetas da geração moderna são obrigados a falar nas coisas humildes, nos dramas cruciantes dos desgraçados, dos miseráveis, dos parias sem pão, sem amor e sem trabalho”. Em relação ao termo *Sarobá* (1936), título da segunda obra de Matos, de acordo o próprio poeta, significa “algo sujo”, “lugar sujo”. Esclareceu o poeta:

... Entram em cenário outras duas palavras com o mesmo significado – Saróba e Sarobá. A primeira é usada na “Nhecolândia”, zona pantaneira e por “excelência” pecuária, com o significado de lugar sujo, onde os caboclos penetram com receio de algum “macharrão” acordado ou de alguma “boca de sapo” traiçoeira. A

segunda, cuja origem não descobri ainda, é denominação que recebe o bairro de negros de Corumbá. Logar sujo, onde os brancos raramente penetram e assim mesmo, quando fazem, se sentem repugnados com a miséria e a pobreza daquela gente. Sentem repugnância e nada mais, porque os infelizes continuam a vegetar em completo abandono como se não fossem criaturas humanas. Só se lembram de Sarobá quando são necessários os serviços de um negrinho. Fora daí a favela em ponto menor é o tempo eterno da miséria, é a mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo. (MATOS, 1936, p.6-7).

Segundo ARAÚJO (2002), a divisão de temas na poética lobivariana foi feita pelo próprio autor e, dentre esses poemas o autor destaca, como poemas “negros”, os seguintes: “Sarobá”, “Beco Sujo”, “Negrinho”, “Mulata Isaura”, “Banzé de cuia”, “Pelega”, “Coisa feita” e “Sexo”.

SAROBÁ

Bairro de negros,
negros descalços, camisa riscada,
beißolas caídas,
cabelo carapinhé;
negras carnudas rebolando as curvas,
bebendo cachaça;
negrinhos sugando as mamas murchas das negras,
negrinhos correndo doidos dentro do mato,
chorando de fome.

Bairro de negros,
casinhas de lata,
água na bica pingando, escorrendo, fazendo lama;
roupa estendida na grama;
esteira suja no chão duro, socado;
lâmpião de querosene piscando no escuro;
negra abandonada na esteira tossindo,
e batuque chiando no terreiro;
negra tuberculosa escarrando sangue,
afogando a tosse sêca no éco de uma voz mole
que se arrasta a custo
pelo ar parado.

Bairro de negros,
mulatas sapateando, parindo sombras magras,
negros gozando,
negros beijando,
negros apalpando carnes rijas;
negros pulando e estalando os dedos
em requebros descontrolados;
vozes roucas gritando sambas malucos
e sons esquisitos agarrando
e se enroscando nos nervos dos negros.

Bairro de negros,
chinfrim, bagunça,
Sarobá. (MATOS, 1936, p.9-10).

Ainda conforme ARAÚJO (2002), o poema “Sarobá” segue na descrição do local e das pessoas do bairro. Isso é perceptível no poema pelo desenvolver dos versos que revelam a realidade

de um povo e dos resquícios deixados por um sistema escravocrata onde o negro sempre foi visto como um ser à margem.

Outro ponto importante destacado pela mesma autora, e que dá continuidade aos aspectos citados anteriormente relacionados à descrição do local, são aspectos do “Naturalismo” e “Realismo” ainda presentes no texto modernista:

Percebe-se a poesia moderna ainda afiliada a concepções naturalistas e realistas, empregadas através de um linguajar direto, próprio do discurso da poesia comprometida com a condição social. Neste contexto, as cenas que vão sendo transmitidas através dos versos vão surgindo na intenção de construir um quadro da realidade local pintado pela sensibilidade do poeta. (ARAUJO, 2002, p.79).

Em relação à produção lobivariana, MAGALHÃES (2002) também reitera as matizes naturalistas presentes nas obras do poeta corumbaense. Segundo a autora:

Nos seus dois livros, a preferência pelas classes menos favorecidas direciona o foco de atenção do poeta para os bairros periféricos, e a sua pena, ao invés dos temas e assuntos “nobres”, passa a privilegiar o sujo, o marginalizado, reproduzindo, em muitas oportunidades, matizes naturalistas. (MAGALHÃES, 2002, p.37).

Observa-se que a relação estabelecida com realistas e naturalistas está relacionada à denúncia social, à escolha da periferia. Entretanto, cabe ressaltar que muito da literatura brasileira produzida na década de 1930 – e modernista por excelência – teve como principal objeto justamente a denúncia social, especialmente a produzida na região nordeste. Dessa maneira, opta-se, nesse sentido, no alinhamento de Lobivar a outros poetas modernistas e as leituras empreendidas buscarão evidenciar justamente tal aspecto.

Na primeira estrofe de *Sarobá*, a descrição do bairro é efetivada a partir de seus habitantes (bairro de negros). Dessa maneira, o olhar que em princípio contemplaria o espaço (o local), desvia-se para o ser humano, mais particularmente os negros que naquele local vivem.

Dessa forma, não há em *Sarobá* influência direta do meio sobre o ser humano – ou o homem visto como produto do meio, como se busca no naturalismo. Ocorre na verdade uma inversão: no naturalismo está, em primeiro plano o meio e o homem é descrito a partir do espaço; no caso do poema lobivariano, o homem está em primeiro plano e o espaço é descrito a partir do homem.

Tal homem é descrito por suas características físicas (beißolas, cabelo carapinhé, negras carnudas), bem como por aspectos reveladores de um estrato social (descalços, camisa riscada). Observa-se, particularmente nas características físicas, não uma espécie de crítica ao ser humano, ou mesmo algo deliberadamente pejorativo; na verdade, lábios, cabelo e estrutura física são descritos sem “abrandamento” da linguagem, incorporando expressões que, ao contrário de denotar qualquer preconceito, talvez choquem ou perturbem justamente por não serem descoloridas.

Muito comum, durante muito tempo e até mesmo na atualidade, expressões como “moreno” para a designação do negro. Observa-se, por intermédio da seleção vocabular, a opção por *negros*, *beißolas*, *carapinhé*, *carnudas* em detrimento de, por exemplo “morenos”, “lábios grossos”, “cabelo ruim”, “bem feita de corpo” que aí sim denotariam preconceito por intermédio de uma suposta “suavização”. Talvez o choque se dê justamente pela ausência de subterfúgios, pela utilização de uma linguagem direta.

Na segunda estrofe tem-se a descrição do ambiente através dos versos “casinhas de lata, /água na bica pingando, escorrendo, fazendo lama; / roupa estendida na grama; / esteira suja no chão duro, socado; / lampião de querosene piscando no escuro;”. O ambiente de pobreza é sintetizado pela condição humana no local: “negra abandonada na esteira tossindo”. Entretanto, o contraste é revelado logo em seguida: “e batuque chiando no terreiro”.

Dado o ambiente e a própria condição humana frente a este espaço, o contraste está justamente na alegria que emana do local e das pessoas. Tal contraste é reiterado por toda a penúltima estrofe do poema, reveladora da alegria e da própria sensualidade que emana dos seres humanos que habitam aquele espaço: as pessoas ali sapateiam, gozam, beijam, apalpam carnes rijas, requebram.

Esse contraste entre um ambiente de pobreza e a alegria do povo é que constitui a saroba, a bagunça; por isso *Sarobá*. Dessa maneira, contemplando o universo popular de um bairro pobre que, apesar de todos os problemas sociais, tem uma população alegre e festeira se aproxima muito mais de pressupostos modernistas que mesmo naturalistas ou realistas.

Conclusão

De maneira geral, sobre os ditos poemas negros lobivarianos, podemos tecer algumas considerações: a denúncia social, apesar de ser a tônica do trabalho, não vem desvinculada de lirismo e elaboração poética. Quanto à questão da “voz”, observa-se que nem todos os poemas possuem uma voz autenticamente negra, entretanto, em outras produções modernistas, da mesma época que a produção de Lobivar, também se pode verificar o mesmo procedimento – como em *Irene no céu*, de Bandeira; no consagrado poema *Essa negra Fulô*, de Jorge de Lima que pode ser aproximado ao poema lobivariano *Isaura*. Nesse sentido, vários outros textos de Jorge de Lima podem ser ilustrativos dessa possibilidade de aproximação:

Maria Diamba

Para não apanhar mais
falou que sabia fazer bolos:
Virou cozinha.
Foi outras coisas para que tinha jeito.
Não falou mais:
Viram que sabia fazer tudo,
até molecas para a Casa-Grande.
Depois falou só,
só diante da ventania
que ainda vem do Sudão;
falou que queria fugir
dos senhores e das judiarias deste mundo
para o sumudiouro. (LIMA, 2007, p.124).

A geração de 1930 do modernismo brasileiro tanto empreendia o resgate cultural de uma parcela da população que sofria(e) com o apagamento de sua cultura, quanto estava comprometida socialmente com a população brasileira. Tal evidência não é observada apenas por meio do chamado romance regional daquela década, mas também pela produção em verso, como se evidenciou.

Da mesma maneira, nota-se que a produção literária de Lobivar Matos está alinhada à produção de outros autores de sua época, como é o caso de Jorge de Lima. Mais que isso, os seres humanos retratados nas obras do escritor corumbaense não ficam restritos àquela região específica, tanto que se detecta a proximidade de tais personagens com outras, localizadas em um outro espaço. A possibilidade de aproximação entre a poética que Matos à produção de outros autores da década de 1930 talvez seja uma perspectiva que possa ser privilegiada e, certamente, necessita de um trabalho com maior fôlego que contemple não apenas os autores aqui mencionados, mas que possa buscar, em outros autores, o ponto de contato aqui sugerido.

O escritor sul-mato-grossense não obteve o mesmo reconhecimento que outros autores de sua época, como é o caso do próprio Jorge de Lima, e talvez isso tenha ocorrido não em função da qua-

lidade da literatura de Lobivar, mas sim em função do próprio sistema literário brasileiro ou mesmo pelo fato de tal sistema, muitas vezes, não considerar produções de determinadas regiões.

O crescente interesse de estudiosos pela poética lobivariana, no entanto, faz com que se vislumbrem novas perspectivas para a produção literária do escritor e talvez possibilite a reedição de suas obras e a publicação de materiais inéditos já localizados.

Referências Bibliográficas

- [1] ARAÚJO, Suzylene Dias de. *Um Leitor para Lobivar Matos - Poeta de Miséria e Sol*. Três Lagoas – MS. Dissertação de Mestrado – UFMS, 2002.
- [2] ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de Assis. Entre a universalidade e o particular. In: SCHÜLER, F. L. ; BORDINI, M. G. (Org.). *Cultura e identidade regional*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- [3] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. v. 1, 6ª ed., Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- [4] CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- [5] COSSON, Rildo. Notas à margem de uma fronteira móvel. In: *Continente Sul/Sur*, Porto Alegre: Instituto Nacional do Livro, v.7, 1998. p.85-95.
- [6] DAMATTA, Roberto. Nação e região: em torno do significado cultural de uma permanente dualidade brasileira. In: SCHÜLER, F. L. ; BORDINI, M. G. (Org.). *Cultura e identidade regional*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- [7] LIMA, Jorge de. *Poemas negros*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- [8] MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Integração Nacional : UFMT, 2002.
- [9] MATOS, Lobivar. *Areôtorare - Poemas Boróros*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.
- [10] MATOS, Lobivar. *Sarobá*. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936.
- [11] NOLASCO SANTOS, P. S. Mediadores da representação no entorno do Pantanal. In: RUSSEFF, I.; MARINHO, M. ; NOLASCO SANTOS, P. S. (Org.). *Ensaio farpados: Arte e cultura no Pantanal e no cerrado*. Campo Grande: UCDB, 2003. p.35-54.

Autor(es)

¹ **José Antonio de SOUZA, Prof. Dr.**
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
joseantonio@uems.br